



## ENTRE AGOSTINHO DE HIPONA E FLORENCE NIGHTINGALE: O CUIDADO DE ENFERMAGEM ENTRELACADO COM O BELO

O cuidado de enfermagem possui várias definições, particularidades e construções teóricas, permitindo sua concretização em diferentes cenários assistenciais, de ensino, de extensão e de pesquisa. Podendo se configurar como mais idealizado ou mais compreendido em sua dimensão prática, às vezes, é até mesmo confundido com o *des-cuidado* (manifestado quando, por exemplo, se ouve frases como a falta de ética no cuidado, o que é um paradoxo, já que um cuidado sem ética não pode mais ser definido como tal), ele se mantém ao longo de um grande período de tempo como um fenômeno que a enfermagem, como campo de saber e área aplicada, tem se debruçado. Pode ser abordado por sua vertente fenomenológica ou existencial ou ainda ser apreendido em sua faceta psicossocial e/ou sociológica, bem como ser enquadrado em sua dimensão da ciência objetiva e positivista. Seja como for, nele teremos sempre a presença humana, dois seres que se encontram de forma proposital em um determinado contexto institucional. Este encontro se dá mediado, de um modo geral, por uma intensa alegria (o nascimento de um filho, o momento de uma alta hospitalar e o procedimento diagnóstico que revelou uma não gravidade) ou por uma tristeza profunda (a morte de um ente querido, um diagnóstico com prognóstico reservado ou uma fatalidade que altere a vida de modo permanente) em instituições que possuem um ambiente e um processo de trabalho com forte carga psíquica de tensão e sofrimento.

Assim, o viver, o adoecer e o morrer implicam alcançar a concretude de valores, ressaltando o cognoscitivo (a verdade), o ético (o bem), o estético (o belo), o hedônico (o prazer) e o espiritual (o sagrado). Para tanto, o profissional de enfermagem deve ser sensível a esses valores ao cuidar da vida humana.

Por isso, consideramos, inclusive em outras produções, que o cuidado de enfermagem possui, como principal característica, o estímulo às potencialidades das pessoas que interagem com o seu *acon-tecer*, propiciando uma ressignificação de si mesmas e das situações nas quais se encontram, assim como as levando a possibilidades que tocam o intangível (outro paradoxo do próprio cuidado, *de per si*). Superações antes não pensadas, então, tornam-se concretas, possibilitando que certa beleza da vida humana, mesmo em seu processo de finalização e de definhamento orgânico, atravesse o sofrimento, o que termina por permitir um bem-estar e um conforto que extrapolam o físico, o biológico e o fisiológico. Este extrapolar, no entanto, não prescinde dos imperativos éticos que o sistema de saúde, as instituições e os profissionais de saúde necessitam implementar para a manutenção da vida humana com dignidade e respeito, possibilitando todo o atendimento às diferentes necessidades apresentadas pelos sujeitos e seus familiares.

Gostaríamos, como fator fundamental, de contrapor, ao sofrimento e ao desespero, não somente o conceito de ausência de dor física e/ou espiritual, mas especialmente o de valorização estética do belo e apresentar a proposição de que a enfermagem pode colaborar na construção e na apreciação da beleza como sendo a consequência da tessitura de um sentido que conceda harmonia, equilíbrio e graça (às vezes, até mesmo perfeição) a um processo de viver, adoecer e de morrer. Nesta esteira, a doença mostra-se como um momento de crise (acrisolamento) em que a pessoa atenta a si mesma e à sua história de maneira revolucionária ou quando a morte e o morrer são enfrentados como fim natural de um *per-curso*, com a sabedoria e a tranquilidade de quem já cumpriu sua história e fez o que foi permitido fazer dentro de um quadro possível de mobilização efetiva e/ou desejada.

A vida humana, ao estar submetida irremediavelmente à contagem do tempo, como consequência natural, se submete à necessidade constante de construção e desconstrução de situações, sentimentos, relações, desafios, oportunidades e manifestações que se desenrolam, se transformam e retornam em uma pequena fração do próprio tempo. Logo, é o próprio ser humano que se constrói e desconstrói na repetida e sempre

inédita passagem pequena e constante do Deus *Chronos*, já que a atemporalidade é uma dádiva que somente alguns dos deuses usufruem.

Aqui entra, então, o conceito de beleza sensível apoiado em Santo Agostinho, em que o seu aspecto central se relaciona à unidade que existe em cada criatura e à unidade que é construída como resultado do deslizar da vida de alguém sobre o trilho do tempo, unidade esta que normalmente é realizada em momentos de sínteses, de um modo geral não tão frequentes, mas extremamente necessários, em que se prepara para níveis mais elevados de harmonia, equilíbrio e graça e, conseqüentemente, de beleza. De novo, o cuidado de enfermagem se entrelaça com a beleza, já que se apresenta como um espaço-tempo propício para sínteses e para a percepção de uma unidade que é própria da trajetória de cada ser em suas particularidades, mas também para uma unidade que transcende o *ex-istir* humano, para a qual damos o nome de espiritualidade.

A enfermagem não pode realizar a síntese pelo paciente que se encontra no seio do seu cuidado e, às vezes, não consegue nem evidenciar a unidade alcançada no processo saúde-doença de maneira inequívoca, mas a presença autêntica e disponível do enfermeiro permite um processo de dobra do tempo em que palavras e silêncios, bem como atos e atitudes, consubstanciam o conforto da capacidade de *ad-mirar* a situação em que se encontra e, se necessário, a possibilidade de fazer uma síntese que expresse a grandeza humana que implica a superação de qualquer situação, mesmo a de adoecimento e de morte.

Portanto, o cuidado de enfermagem é, por si só, atravessado pela beleza, ao mesmo tempo em que também a gera, apesar da constatação de que carrega, em seu seio, a possibilidade da acidentalidade humana, com bem assevera Arendt. Apesar disto, é impossível deixar de pontuar: a enfermagem é uma arte, como mostrava Florence Nightingale, e esta arte é capaz, cremos nós, de enraizar alguém em um solo fecundo e permitir, simultaneamente, que sua cabeça e seu coração alcancem espaços que estimulam potencialidades e favoreçam processos de unidade daqueles que cuidamos.

*Antonio Marcos Tosoli Gomes*  
Editor Associado